

CoAstro

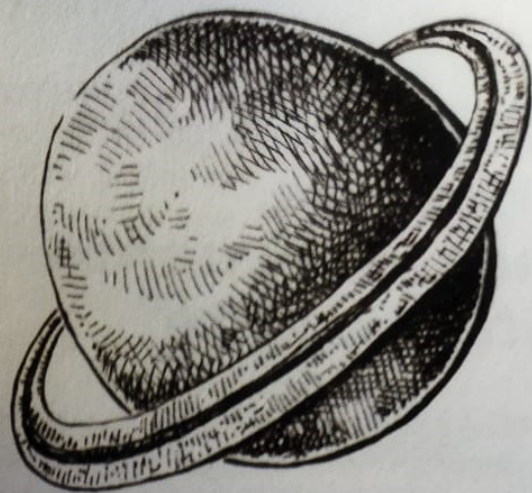
De que forma se podem cativar as crianças – e as suas famílias – acerca de qualquer tema em torno da astronomia? «Através da escola», refere Ilídio André Costa, autor do projeto CoAstro, um projeto que promete entusiasmar para a ciência, através do ensino da astronomia.

Ilídio é professor, com formação em astronomia e destacado no Planetário do Porto. Isso deu-lhe a bagagem para compreender, não só os desafios por que passam os professores do Ensino Básico, como os cientistas e investigadores com os quais trabalha no Planetário e onde desenvolveu o seu doutoramento. Os cientistas com quem trabalhou, apesar de reticentes no início do projeto, acabaram por perceber o seu potencial quando lhes mostrou que o projeto poderia resolver problemas para os quais precisariam de recursos humanos e financiamento, com a ajuda dos professores e dos seus alunos, que precisavam (ou queriam) novas formas de abordar os temas da astronomia.

O CoAstro destina-se a professores, especialmente de 1.º ciclo, como são Julieta Ferreira e Paulo Pereira. Aderiram ao projeto com motivações distintas, mas têm ambos a mesma sensação, agora que terminaram a experiência: sabem mais sobre a ciência, no geral, e podem continuar a ligar ao Ilídio.

Julieta costuma fazer formações fora da sua zona de conforto e decidiu arriscar pela astronomia, porque lhe pareceu «extraordinário» e não ficou desiludida. Aprendeu que «é bom fazer perguntas, que é ótimo ter dúvidas». Menciona que, um dos pontos positivos para que o projeto tivesse sucesso, no seu ponto de vista, foi a abertura da parte dos astrónomos.

Paulo Pereira sempre teve curiosidade sobre astronomia, mas, na altura em que entrou no projeto, o seu filho tinha dúvidas sobre o tema. Explica que, pelo facto de se entusiasmar com a astronomia, sentiu que os seus alunos e os seus pares também se encantaram. Este projeto tornou-o mais atento à ciência e considera que foi um sucesso.



«
Nós temos de chegar junto dos astrónomos e perguntar aquilo que eles precisam, o que precisam que os cidadãos-cientistas façam. Com base nessa necessidade, o mediador vai verificar o que é, ou não, possível ser feito. Assim os projetos são abertos, não se trata do que nós queremos dos participantes, mas o que os participantes querem de nós. Talvez assim seja possível convencer os cientistas e os cidadãos de que não será mais uma tarefa a acrescentar às muitas que têm, é uma tarefa que vai facilitar o seu trabalho quotidiano.
»

Ilídio André Costa

Ambos os docentes mencionaram que Ilídio tornou o projeto um sucesso. «O Ilídio disse-nos que estávamos todos num processo de aprendizagem, e isso foi fantástico para nós porque não estava ali o investigador. Era um colega nosso que estava completamente disponível, esteve sempre disponível – e ainda está – para nós», explicou Paulo Pereira. «O Ilídio é grande parte deste impacto positivo. Ele é fabuloso, faz a diferença e qualquer outra pessoa, com menos empatia, não teria causado o mesmo impacto que ele causou em nós», explicou Julieta Ferreira.

Podes visitar o *website* do projeto e saber mais informações.